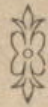


# INDEPENDENTE

Editor—João da Silva.  
Redacção, administração e  
Impressão—Typographia de Albano Pires, rua da Rainha, 120.

GUIMARÃES, 28 DE FEVEREIRO DE 1904



Condições d'assignatura

Anno, 1\$200; com estampilha 1\$500. Africa e Brazil, 3\$000 reis.  
Publicações—Anuncios e comunicados, por linha 40 reis, repetições 20 reis.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

## SEM COMMENTARIOS

«Logo... ser liberal é maior peccado do que ser blasphemo, ladrão, adúltero ou homicida...» (D'«A Restauração», de 4 de Fevereiro de 1904, órgão do partido nacionalista.)

### Commercio do Porto

Este nosso illustre collega celebra no corrente anno as suas bodas de ouro.

Foi effectivamente em 1854 que «O Commercio do Porto» surgiu constituindo um facto notavel e extranho, uma especie de revolução no jornalismo da epocha.

A esse tempo existiam no Porto dois jornaes: o «Nacional», de Gonçalves Basto, e o «Braz Tisana», de Souza Bandeira.

Bandeira e Basto eram homens d'acção, espiritos decididos e fortes que haviam levado para o jornalismo o mesmo ardor, o mesmo entusiasmo que sempre tinham mostrado nas guerras civis.

Bandeira a quem Oliveira Martins appellidou de *Esopo Portuguez*, immensamente myope e fumador incorrigivel de vinte e quatro charutos diarios, chegara a estar no oratorio em 28, quando das execuções da Praça Nova e foi lá que escreveu a poesia tão cheia de commoção e sinceridade:

Quando sobre a negra escada  
Vires o meu corpo tremer  
Dá desconto á natureza  
Adeus, Marcia, eu vou morrer!...

Basto emigrára para a Inglaterra na mesma epocha, onde casou com M.<sup>lle</sup> Luiza de Loeve-Weimar, e tendo empobrecido regressára á patria em 1834. E depois de uma vida accidentada commandára em 46 um batalhão da Junta do Porto.

No «Nacional» collaborou Camillo, collaboraram Coelho Lousada, Arnaldo Gama, Marcellino de Mattos, Ricardo Guimarães, Evaristo Basto, toda a pleiade brilhante e alegre que então cultivava o folhetim, genero de litteratura

hoje para sempre infelizmente perdido.

No «Braz Tisana» Souza Bandeira, como no «Artilheiro» e no «Periodico dos Pobres», continuava a divertir e a deliciar o burguez portuense com as suas *Cartas ao barbeiro* cheias de legitimo chiste, e de boas larachas portuguezas de lei.

Mas em 54 Bandeira que tinha uma longa vida litteraria, pois já em 22 redigira aqui em Guimarães o «Azemel» começava a sentir-se cansado; e os folhetinistas do «Nacional» desappareciam um a um levados pela corrente da vida—uns para outros destinos, outros para melhor mundo. Uns iam para o magisterio superior como Girão, outros para a advocacia como Marcellino de Mattos, outros morriam como Lousada, outros como Camillo e Arnaldo Gama entregavam-se ao genero mais penoso de romance.

E foi então que o «Commercio do Porto» appareceu.

Longe de ser redigido por politicos, «O Commercio do Porto» tinha á sua frente dois dos mais distinctos e conceituados membros da classe commercial: Manoel de Souza Carqueja e Henrique Carlos de Miranda, o segundo dos quaes ainda conhecemos, ha annos, na Povoá de Varzim.

«O Commercio do Porto» justificava plenamente o seu titulo. Era um jornal para o commercio, só o interessavam os assumptos commerciaes, ou aquelles que com elle mais ou menos directamente se prendessem.

Nada de litteratura no corpo do jornal. Quando muito em folhetim um romance de Camillo; e lá foram publicados, se nos não falha a memoria, entre outros «As tres irmãs», «Estrellas funestas», «Estrellas propicias», «Vinte horas de liteira», «Lucta de gigantes», «O Santo da montanha», «O sr. do Paço de Ninães» etc.

Mas sobretudo nada de politica como no «Nacional» e no «Braz Tisana».

Imposta esta linha de conducta, ha cincoenta annos que «O Commercio do Porto» se não tem desviado d'ella.

Por isso e porque «O Commercio do Porto» representava uma necessidade, no longo periodo de meio seculo, elle longe de sentir-se declinar, tem sempre prosperado e engrandecido a ponto de ser n'este momento a empreza jornalística mais florescente do Norte e talvez de todo o paiz.

Receba pois o «Commercio do Porto» as nossas felicitações pelo seu 50.º anniversario, com a expressão sincera do nosso desejo de que ainda por muitos annos continue a desempenhar a sua missão e a occupar o elevado logar que tem no jornalismo portuguez.

### E' BICO OU CABEÇA?

A *União Nacional*, gazeta nacionalista, definindo as aspirações do nacionalismo escreve o seguinte, que fielmente transcrevemos:

«...queremos o bom governo da Nação *sejam quaes forem os governantes* (o italico é nosso), fazendo n'este sentido, viva e activa propaganda, constituindo-nos em força politica orientadora da opinião...»

A gazeta nacionalista cá da terra, padre mestre em liberalismos y *muchas cosas más*, afirma que não; que nem á mão de Deus Padre quer governantes liberaes, porque esses não podem governar bem, como herejes que são, consoante decretou a mesma gazeta:

Então em que ficamos? Servem aos nacionalista *quaesquer* governantes, isto é, governantes hintzaceos, progressistas, franquistas, miguelistas, republicanos, socialistas, com

tanto que governem bem, como diz a *União Nacional*, ou só lhes servem governantes que não sejam liberaes, como affirma, com grande copia de erudição barata, a *Restauração*?

E' bico ou cabeça?

A propaganda viva e activa da *União Nacional* toda se resume em prégar ás turbas que para o nacionalismo *quaesquer* governantes servem comtanto que governem bem; a propaganda não menos activa e viva da *Restauração* reduz-se a prégar ás mesmíssimas turbas que só os nacionalistas é que podem governar bem.

Nós que somos completamente leigos n'estas edificantes subtilidades de metaphysica nacionalista, pedimos ás duas gazetas que vejam se podem atar pela cauda aquellas duas moscas saídas do mesmo mosqueiro nacionalista.

E' necessario que saibamos qual dos dois nacionalismos é orthodoxo: se o da *União Nacional* que aceita e quer governantes liberaes, porque *quaesquer* lhe servem comtanto que tenham juizo, se o da *Restauração* que declarou guerra de exterminio a todos os liberaes.

Vamos esclareçam-nos. Qual dos dois decretos é o infallivel? E' o latitudinario da *União Nacional*, ou o exclusivista da *Restauração*?

### «A Restauração,, e o partido regenerador-liberal

II

De S. Ex.<sup>a</sup>, o sr. conselheiro D. Prior, recebemos o pedido, a que promptamente accedemos, de publicar a seguinte declaração:

«Estamos auctorizados a declarar que o sr. Dom Prior da Collegiada não pode intervir efficaçamente, como o «Independente» desejava, na po-

lemica, que está travada entre «A Restauração» e outros periodicos d'esta cidade, porque, contrariamente ao que erradamente se tem affirmado, nem é o chefe do nacionalismo local, por «sempre» haver desviado de si essa honra, nem «manda» na orientação d'«A Restauração.»

Publicada esta declaração conforme os desejos do sr. D. Prior, cumpre-nos fazer sobre o assumpto algumas ponderações.

Comquanto seja para nós uma grandissima surpresa esta declaração do sr. D. Prior, que terminantemente nos affirma não ser chefe do nacionalismo local, por sempre haver desviado de si essa honra, não nos é licito manter sobre ella a mais ligeira duvida, e por isso a tomaremos como a expressão sincera e completa da verdade.

A nossa convicção de que S. Ex.<sup>a</sup> era o chefe do partido nacionalista local é a convicção de toda a gente de Guimarães, para quem a declaração publicada será uma surpresa tam grande, como foi para nós.

Não representa uma invenção, nem mesmo uma irreflexão nossa, aquella affirmativa contra que S. Ex.<sup>a</sup> veio reclamar.

A crença de que o sr. D. Prior era o chefe do nacionalismo estava no espirito publico desde muito, como coisa assente e decidida.

E tam assente e decidida, que, fallando-se de nacionalismo em Guimarães, occorria desde logo ao espirito a personalidade do sr. D. Prior.

Como se formou essa crença? Naturalmente por vermos S. Ex.<sup>a</sup>, desde o estabelecimento do nacionalismo em Guimarães, sempre presidindo a todas as manifestações por que se tem revelado a existencia d'esse partido.

Naturalmente por vermos S. Ex.<sup>a</sup> á frente dos nacionalistas de Guimarães no congresso do Porto, onde por signal apresentou um projecto de lei eleitoral.

Naturalmente por vermos S. Ex.<sup>a</sup> figurar da mesma forma na conferencia de Braga, a que veio assistir o sr. Jacintho Candido e outros personagens graduados do partido.

Naturalmente por vermos S. Ex.<sup>a</sup> percorrer o concelho em missão de propaganda nacionalista, assistindo e animando a inauguração de diversos centros e commissões parochiaes.

Naturalmente pelo termos visto inculcar com essa designação pelos proprios jornaes do seu partido.

Naturalmente porque nos não consta que outrem se tivesse deixado investir na honra que o sr. D. Prior, sempre e invariavelmente, desviou de si.

Mas ha mais. Ninguém poderia deixar d'assim o considerar, chefe, presidente ou como melhor nome tenha, do partido nacionalista, desde que *A Restauração*, órgão d'esse partido, não o affirmava tam peremptoriamente no seu n.º 10, correspondente a 4 de fevereiro, pag. 1.ª, columna 1.ª, nota (1).

As primeiras razões apresentadas eram sérias e valiosas presunções para justificar a creença geral.

Mas a affirmação terminante d'*A Restauração*, órgão do partido, é alguma coisa mais.

E' claro que perante a declaração do sr. conselheiro D. Prior, tam solemne e tam decisiva, não pode restar-nos a mais ligeira sombra de hesitação.

S. Ex.ª não tem superior e especial intervenção dirigente no partido nacionalista de Guimarães; S. Ex.ª é, porque assim o quer, simples soldado do nacionalismo, tendo sempre systematicamente desviado de si as honras de chefe, em que os seus correligionarios por diversas vezes, como se presume das suas proprias palavras, pretendiam investil-o.

Faltou pois à verdade *A Restauração*.

Consciente ou inconscientemente?

Não podemos presumir que o órgão nacionalista, ande tam afastado dos negocios do seu partido, que chegue a ignorar o proprio nome do seu presidente ou chefe, e venha publicamente attribuir a S. Ex.ª, o sr. conselheiro D. Prior, uma qualidade que este illustrado sacerdote jamais possuiu.

Foi então conscientemente?

Não nos assombra ver uma vez mais apanhada em flagrante delicto de mentira o órgão nacionalista.

Quem com tanta má-fé levanta e sustenta uma campanha de calumnias, como ella o acaba de fazer, é evidentemente capaz de tudo.

Chegamos pois a este vergonhoso espectáculo.

O sr. D. Prior não é, nem nunca foi, o chefe ou presidente do partido nacionalista.

*A Restauração*, órgão d'esse partido, afirma que sim.

Veja o publico a que desgraçada e indecorosa situação se chegou!!!

Mas então quem é esse chefe, presidente, ou como melhor nome tenha, do partido nacionalista em Guimarães?

Para que esconder do publico a pessoa investida em tal cargo, a pessoa, menos modesta que o sr. conselheiro D. Prior, que aceitou a honra que S. Ex.ª sempre e systematicamente desviou de si?

Quem é? Por ventura será o cargo tam pouco honroso que não haja quem se preste a supportar-lhe publicamente as responsabilidades?

Posto isto, e restaurados do assombro que nos trouxe a declaração do sr. D. Prior, vamos renovar a S. Ex.ª o nosso pedido.

E' certo que se não verifica um dos motivos determinantes da solicitação que entendemos dever dirigir-lhe.

Mas isso não importa.

Subsistem os outros; e esses não são tam pouco valiosos que S. Ex.ª deva por isso desattender-nos.

Convem repetir que o desejo manifestado pelo *Independente*, de que se acabasse esta questão, pondo S. Ex.ª cobro á attitudo desatendida d'*A Restauração*, foi devidamente explicado, para que não possa suppôr-se nascido de qualquer recio nos ataques da folha nacionalista.

Não tememos a sua campanha ignobil, nem pelo que respeita ao

nosso jornal, nem pelo que se refere ao nosso partido.

Pode ficar bem certo d'isso.

O que nós desejavamos não era que o sr. D. Prior abafasse *A Restauração*.

O que pediamos, em nosso nome, em nome de toda a cidade de Guimarães, que não pode continuar a viver na indecisão em que a collocaram, é que S. Ex.ª, que é um distincto theologo, que é uma alta dignidade ecclesiastica, que é o parochio da freguezia mais populosa da cidade, que manteve com S. Ex.ª Rev.ª, o sr. Arcebispo Primaz, as mais cordaes relações, nos esclarecesse sobre este tam grave assumpto, fazendo-nos ouvir franca e desassombrosamente a sua opinião.

Porque o caso é este, e só este. Não nos afastemos da questão fundamental, nem perçamos tempo a discutir incidentes inuteis.

Houve um padre, que de boa ou de má-fé, n'um jornal catholico, veio lançar uma suspeita gravissima na pureza da nossa fé.

Essa suspeita medra e alastra sob a egide d'um partido, onde, ao que se afirma, se encontra o exclusivo das verdadeiras crencas catholicas.

E ainda mais medra e alastra, sabendo-se que dentro d'esse partido figuram pessoas da maxima respeitabilidade, e entre ellas S. Ex.ª, o sr. conselheiro D. Prior, individualidade de especial destaque tanto pela sua vasta erudição e profundo saber, como pelas suas altas virtudes.

Torna-se indispensavel saber se o apostofo que das columnas d'*A Restauração* troyejou sobre nós o seu anathema feroz, fallou ou não fallou a verdade.

Não haverá salvação possivel fóra do nacionalismo?

Ser liberal será maior peccado do que ser blasphemio, adultero, ladrão e assassino?

O caso é este e só este.

Porque todo este largo conflicto, em que o jornalismo vimarense anda empenhado, ficará prompta e completamente desfeito desde que algum com auctoridade indiscutivel faça ouvir a sua suprema e veneranda decisão.

Se não é uma obrigação indeclinavel de todos quantos têm a seu cargo velar paternal e sollicitamente pela orthodoxia das nossas crencas; é pelo menos uma obra de caridade, que nós respeitosa e sollicitamente solicitamos.

E temos fundadas razões para esperar que o sr. conselheiro D. Prior não se recuzará a dispensar os favores da sua conhecida generosidade ao povo de Guimarães, que bem o merece pela estima e consideração que a S. Ex.ª sempre e invariavelmente consagrou.

Agradecendo ao virtuoso e illustre chefe da Insigne e Real Collegiada a attenção que começou a dispensar á nossa solicitação, esperamos que S. Ex.ª haja por bem levar até ao fim a sua benevolencia e a sua caridade.

Que S. Ex.ª nos dê uma nova demonstração de quanto é generoso e bom, fazendo fim a este conflicto, não, fazendo calar dictatorialmente *A Restauração*, mas permitindo-nos ouvir com a brevidade que o melindroso assumpto reclama, uma opinião suprema, indiscutivel e decisiva, que a todos contente, porque seja a pacificação da consciencia de todos.

Haja alguém que nos livre d'este doloroso espectáculo a que estamos assistindo, que (permitta-nos S. Ex.ª este desabafo que nada tem de irrespeitoso) é uma vergonha para o partido nacionalista, é uma vergonha para pessoas respeitaveis que n'elle estão filiadas.

Haja quem nos mostre que não ha principios na santa religião que professamos, que só possam atirar-se anoyamente e covardemente por detraz das columnas despreziveis d'um jornal sem escrupulos.

Haja alguém que nos mostre que todos os preceitos da fé catholica, sem excepção alguma, podem ser proclamados e defendidos á luz clara do dia, com inteiro desassombro, como quem proclama os mais altos principios da verdade e da justiça.

Consinta o sr. conselheiro D. Prior, que uma vez mais lhe protestemos o nosso profundo respeito e sincera veneração.

E concluiremos pedindo de novo a S. Ex.ª que considere este assumpto com a attenção que a sua especial importancia justifica.

Não perderá o seu tempo.

Será uma razão para que S. Ex.ª mais vivamente consolide a estima, a dedicacão e o affecto que a cidade de Guimarães lhe consagra.

Será ainda uma razão para que mais se avigore a consideracão e o alto respeito tradicional que desde as mais remotas eras sempre ligou o nosso povo, trabalhador e honesto, á alta dignidade de D. Prior de Guimarães.

Parabens

Fazem annos desde 28 fevereiro a 5 de Março.

As Ex.ªs Snr.ªs:

Março.  
Dia 2—D. Maria Adelaide Monteiro de Meira;  
« —D. Maria Souza Pereira;

E os snrs.:

Fevereiro.  
Hoje 28—Padre Antonio Hermanno M. de Carvalho;  
« —João José Fernandes Guimarães;

Março.  
Dia 1—Dr. Antonio Coelho da Motta Prego;

CORREIO DAS SALAS

Desde quarta-feira que se encontra no Porto o nobre titular sr. Conde de Margarede.

S. Ex.ª tenciona seguir para Lisboa com demora d'alguns dias.

De Villa Nova de Gaia partiu na terça-feira passada para as suas propriedades nas Caldas das Taipas o nosso estimado assignante sr. Francisco José Ferreira Guimarães, socio da *União Commercial*.

Com demora até aos principios d'abril parte para Lisboa passado o dia 6 de março o sr. dr. Pedro de Barros Rodrigues.

Na semana passada esteve alguns dias no Porto, mas já regressou a Guimarães o illustre titular e nosso conterraneo sr. Barão de Pombeiro.

Esta quasi restabelecido da enfermidade que ultimamente o obrigou a guardar o leito alguns dias o nosso amigo sr. Antonio José Pereira de Lima, pelo que o felicitamos.

Tem estado em Lisboa o nosso conterraneo sr. Visconde de Guilhomil, ajudante do procurador regio junto da Relação do Porto.

Ausentou-se na segunda-feira para Chaves com sua ex.ª esposa o general-medico sr. dr. Antonio Joaquim Rodrigues d'Oliveira.

Ausentou-se na quarta-feira para a sua casa em Caramos, acompanhado de s. ex.ª esposa, o sr. dr. José Julio Moreira de Castro.

Esteve traz-ante-hontem no Porto o nosso amigo sr. capitão Domingos Alfredo Vieira de Castro, distincto official de infantaria 20.

Tem estado entre nós o sr. Ignacio Teixeira de Menezes, major d'engenharia e sub-inspector da 5.ª divisão militar com sede em Coimbra.

Vimos em Guimarães no ultimo domingo o sr. Manuel de Souza Machado, acreditado negociante na praça do Porto.

Com sua ex.ª esposa tem andado em digressão pelas cidades do norte d'Hispanha, mas já regressou ao Porto o sr. D. Francisco de Paula Peixoto da Silva e Bourbon (Lindoso).

DUAS BARRACAS

Estão em frente uma da outra. Ambas teem bandeira içada com a legenda em letras gordas: *Nacionalismo puro*, ambas o seu pregoeiro á porta.

Grita o da barraca do sul: «Entrem meus senhores, cá dentro cabem todos, com tanto que se portem bem. Nós é que temos o verdadeiro chocolate do Lopez e o elixir efficaz para tirar dentes sem dôr. Vamos, meus senhores, entrem todos que a nossa propaganda viva e activa é orientar a opinião publica de que todos podem governar bem, até os proprios liberaes.»

O bilheteiro da do norte, em pé sobre um môcho de sachristia, para ser melhor ouvido, brada:

«Aqui, meus senhores, só entram os nossos, porque só nós tiramos dentes sem dôr e temos o monopolio de vender a agua chilra por agua de Colonia. Entrem, entrem, meus senhores, mas só os que não forem liberaes, porque a nossa propaganda activa e viva é orientar a opinião publica de que só os nossos, unicamente os nossos, exclusivamente os nossos é que podem governar bem.»

Um traseunte, depois de ouvir os dous: «Ora entendam lá aquelles santinhos.»

O Commercio do Porto

Este nosso distincto collega a quem em artigo editorial nos referimos abriu, para celebrar o seu 50.º anniversario, dois concursos um litterario e outro de antiguidade.

No primeiro serão concedidos 2 premios um de 200\$000 reis e outro de 50\$000 reis ás duas melhores memorias que lhe forem apresentadas sobre os servicos que tem prestado o jornalismo portuguez.

No segundo será dado em premio «O Commercio do Porto» durante trez annos a quem provar ser assignante ininterrupto d'esde a fundação do jornal, e durante seis mezes aos assignantes de 40 e mais annos.

RAZÃO

Um leigo—Então o Franco sempre é maçonico?

P. Peninhas—Claro. Foi elle quem fundou a Franco-maçonaria.

O leigo—!...

Novo pharmaceutico

No dia 12 do mez findo, fez exame de pharmacia, no Porto, ficando plenamente approvedo, o sr. Adelino Fernandes de Castro, filho do sr. Francisco Fernandes de Castro e D. Emilia de Souza Marinho, da freguezia de S. Romão d'Arões, e sobrinho do nosso estimado amigo rev.º padre Francisco Ventura de Sousa Marinho, d'esta cidade.

Os nossos parabens.

A CHAVE DO ENIGMA

I Petas

«A Restauração» encheu-se por fim de brios.

Que diabo! mais mentira menos mentira não faz ao caso.

E' bem certo o dictado: *esteiro que faz um cesto faz um cento*.

Nós affirmamos que o sr. João Franco foi rogado para chefe do partido nacionalista.

E o santo órgão do nacionalismo local vem-nos com esta santa manha.

Sim—Pode ser. Mas quem o rogo não tinha auctoridade para tal convite.

O homensinho não nega; mas dá-se ares de pimpão por detraz d'aquella rabalice transparente e imbecil.

II A sua má fé

Mas venha cá o sr. padre mestre.

Quando nós aqui lhe affirmamos que o sr. João Franco fora convidado para chefe dos nacionalistas, nem foi para lhe dar novidades, nem porque o facto trouxesse qualquer honra ao sr. João Franco.

Foi sómente e tam sómente para lhe mostrar que «A Restauração» anda de má-fé e com ellas cornetas nacionalistas que lhe fazem acompanhamento.

Para as quaes cornetas o sr. João Franco era um homem de bem, talentoso, honesto, bom catholico, enquanto supuzeram capital-o e aproveitar-lhe os merecimentos; e depois um mediocre, sem caracter, sem talento, sem religião, sem nada, quando escorraçados pela quarta vez entenderam inuteis novas instancias.

III O que diz «A Palavra»

Ora veja lá o feroz padre mestre o que diz «A Palavra» de domingo passado.

Cremos não terá duvidas em aceitar as informacões d'este jornal catholico!

Diz elle: «Quando o sr. João Franco se separou do sr. Hintze Ribeiro foi convidado a unir-se ao movimento catholico, que se começava a formar e de que só mais tarde, surgiu o partido nacionalista.

..... Mais tarde, quando já formado o partido nacionalista, foi o sr. João Franco por duas ou tres vezes convidado a colligar-se, sem fusão nem confusão, para combater o governo com o partido nacionalista, fortalecendo-se os dois reciprocamente. S. Ex.ª tambem se recusou.

«A Palavra» tambem não quer que se falle em chefe.

Nós presumimos com serio fundamento que o sr. João Franco não foi rogado para servir ás ordens do Mendes Lages ou d'outro que tal.

IV Conclusões

Mas seja como for, conclue-se d'aqui.

1.º) que o sr. João Franco foi convidado a unir-se aos nacionalistas, ainda mesmo antes de constituido o respectivo partido;

2.º) que depois, ainda por mais duas ou tres vezes foi convidado a colligar-se com o partido nacionalista para juntos combaterem o governo;

3.º) que a tam repetidas instancias o sr. João Franco respondeu sempre com a mais terminante recusa.

Ora estes convites, demasiado significativos pela insistencia, foram feitos posteriormente a maio de 1901, anno em que se deu a scisão, e se principiou tambem a delinear o partido nacionalista.

Logo nos actos da vida do sr. João Franco anteriores a essa data nada havia quem influísse no animo dos dirigentes do partido nacionalista para os impedir d'uma aproximação com esse estadista.

A não ser que todos estes dirigentes fossem imbecis ou malandros; pois que d'outro modo se não comprehendendo que fossem pedir uma, duas, trez e quatro vezes, o apoio e cooperação d'um homem, cujo passado lhes deveria offerecer motivos de repulsão e não razões d'affinidade.

Mas não. Eis aqui está a sinceridade e a boa fé com que fallam as cornetas nacionalistas.

Todos os motivos de queixa contra o sr. João Franco, com que agora lhe fazem carga, referem-se a factos passados antes de 1901.

Desde essa data para cá quatro vezes foi tentado para se alliar aos nacionalistas, que achavam boa e honrosa a companhia.

Quatro vezes lhe respondeu com recusa formal.

E só agora á ultima hora vêm as ditas cornetas tocar a area do magonismo; do liberalismo e d'outras lérias que taes.

São ou não são uns grandissimos tartufos?

## PERDEU-SE

Um lorgnon de tartaruga com uma das lentes fôscas, entre a Avenida do Campo da Feira e Castanheiro e Rua de Francisco Agra.

Quem o encontrar e quizer entregar em Aldao, receberá alviçaras.

## DIFFERENÇA DE GENERO

Pastor—Dizem-me que ha um scisma religioso em Guimarães?

Orlha—Está V. Ex.<sup>a</sup> enganado. E' apenas uma scisma do P.<sup>o</sup> Peninhas.

## ACLARAÇÕES

Prometti não voltar á discussão levantada pela *Restauração*, é que cada vez julgo mais inconveniente. Não venho pois renovar um debate, que, já de per si tão melindroso, está sendo infamado por processos inteiramente novos na imprensa religiosa.

Desde que a *Restauração* porem, por minha causa feriu a redacção do *Independente* com o insulto mais sangrento que se pôde dirigir a homens de bem, não posso dispensar-me de vir declarar bem alto, e bem em publico, que o padre franquista, que firma o *aranzel* do n.<sup>o</sup> 116 do *Independente*, é o padre João Candido da Silva, abbade de Villa Nova de Sande.

E' possível que a *Restauração*, que não deu pelo insulto a um distinctissimo lente de theologia, não medisse toda a creza; ferida do insulto ao *Independente*. Não quero fazer o diagnostico do caso. E' ainda possível que, vistos os precedentes, esta declaração seja um memorial a pedir á *Restauração* nova reedição de novos insultos. Paciencia.

E' meu pois o referido *aranzel*. Não ha nelle nada que me envaideça; nem os louros e despojos com que ali se opulentam uns prezumidos conquistadores

acrescentam fascinações a taes gloristas.

Mas, digo-o de cabeça bem levantada, não ha n'elle nada que me envergonhe: nem uma palavra contra a fé, nem um desmentido da moderação que á Egreja, minha mãe, recommenda a seus ministros, nem uma grosseria reveladora d'uma educação defeituosa, nem uma insolencia, que denuncia menos consideração pelos nossos irmãos no sacerdocio, nem as habilidades dialecticas de collegial medrado em arteirices syllogisticas, nem os répiques impertinentes e fastidiosos d'uma pretendida competencia de mestre de logica e grammatica, nem uma mentira, a não ser as que se anninham nas transcripções da *Restauração*—a próvida chocadeira de desconfianças, odios e injurias.

Assim em nada me repugna subscrever com o meu nome tão obscuro, o *aranzel* increpado. Aos que procuram conservar-se levantados á custa do deslustre da provisão moral, que deve acompanhar sempre o homem bem educado e o padre, a essés, sim, deve tremelhes a mão, quando forçados a assignar o que escrevem, infamam *ipso facto* o proprio nome. Não o pediremos á *Restauração*.

Preferimos deixar no publico a vaga esperança de que ha ainda lá uma pequena reserva de energia, para o repudio d'uma vileza.

E é com a linguagem de um pasquino repugnantemente sordido e com conceitos a porejar odio e má fé, que a *Restauração* quer defender a causa da Egreja! Como a imagem da Virgem Pura no meio das imundiciões do prostíbulo, é em taes mãos a bandeira do Jesus manso e humilde do coração! Um sacrilegio.

Esqueceis, padre, que não ha na lei da graça preceito mais instantemente recommendado que o da moderação. Vede como o inculcava o mais logoso dos apóstolos—non iracundum... non percussorem.

Vede, como o nota Bossuet, (e agora poupa o remoque á minha erudição vesga por já não ser original) que o coração do homem não se rege pela força, mas conquista-se pela doçura. Vede que um padre sem doçura—omitto o nome do auctor para não ferir a tua dupla vista—é um homem em guerra com Deus, com o seu proximo e consigo mesmo. Vede como de Santo Ambrosio falla nas suas *Confissões* o extraordinario engeiho que foi Santo Agostinho:—com ceia a amal-o não tanto como doutor da verdade, como o homem benigno e doce que foi para commigo.

Mas, quid adhuc egemus testibus?

Balanceai o vosso apostolado sob um tão estreito criterio.

Em quasi dous annos de Jansenismo politico e religioso, em que a vossa propaganda pela imprensa tem sido a transgressão constante, e a frioz do preceito imposto aos polemistas christãos—diligite homines, interficite errores, podeis acaso inscrever com verdade no vosso activo uma conversão, uma unica conversão? Não. A contrastar com uma tal esterilidade, que é já uma maldição, podeis e deveis averbar no vosso passivo muitas desconfianças, muitos odios e muitos agravos.

Preferis fechar o vosso balancete, não com um saldo de benemerencias trabalhadas pela prudencia e moderação, mas com a consignação de despezas inuteis e prejudiciaes d'uma tão desorientada actividade? Lamentavel.

Trocai a galhardia com que ha dias vos armaveis em martyr pela sinceridade do penitente, e fazendo violencia á vossa desca-

roavel soberba, e á rudeza bravia do vosso espirito, trabalhai na causa do bem, tão carecida de operarios.

Se a *Restauração* entender dever regularizar a sua situação, compromettida por tantos desatinos, com novos insultos, que só atinjam a minha pessoa, esses perdão-lh'os. A' vontade e a gosto.

Villa Nova de Sande.

P.<sup>o</sup> João Candido da Silva.

## Incompetente

Peninhas, o enrodilhador diz que *quod gratis asseritur, gratis negatur*; e que affirmando o *Independente* sem acompanhar de provas a sua affirmativa, que o sr. conselheiro João Franco foi convidado para chefe do nacionalismo, elle sem provas o nega, ficando ambos nós e elle, no mesmo pé.

Peninhas, o enrodilhador, sabe que não é assim.

Quem primeiro affirmou está de posse da affirmativa; para desalojar-o d'essa posse é que se torna necessario exhibir provas, e só depois d'isso, não dando quem primeiro fallou as suas razões, se pôde dizer que affirmou gratuitamente.

Peninhas, o capcioso, sabe que nos era facil provar que o sr. conselheiro João Franco foi de facto convidado para chefe do partido nacionalista.

Por isso, Peninhas, o capcioso, diz agora que o sr. conselheiro João Franco, não foi convidado para chefe do nacionalismo por quem tivesse competencia para fazel-o.

Peninhas, o capcioso, quer poder dizer, perante quaesquer pessoas que lhe apresentemos como tendo convidado o sr. conselheiro João Franco para chefe nacionalista, que es-as não tinham competencia para fazel-o.

Peninhas, o enrodilhador, o capcioso, afinal tem razão.

—Onde estão no nacionalismo as pessoas competentes seja para que tór?

## Banda regimental

Se o tempo o permitir, a banda do regimento d'infanteria 20 executa hoje da 1 ás 3 da tarde no jardim do Toural, o seguinte programma:

### 1.<sup>a</sup> PARTE

JAPONEZES E RUSSOS—Ordinario  
SOKRISUS INFANTIS—Symphonia  
EL CABO L.<sup>a</sup>—L'ot-pourri  
LES PINGEONS—Volka.

### 2.<sup>a</sup> PARTE

SERRA DE CINTRA—Phantasia  
NAS RELIQUIAS—Valsas  
CAÇADOR—Ordinario

## PERGUNTA

Porque é que «A Restauração» não concorda em submeter-se esta questão ao sr. Arcebispo primaz?

Entende que S. Ex.<sup>a</sup> Reverendissima decidirá contra ella?

## Alviçaras

Dão-se a quem encontrar o chefe do partido nacionalista d'esta cidade, e o entregar na redacção d'«A Restauração».

## Lugar vago

Pretende-se pessoa competente para chefe do partido nacionalista d'esta cidade.

Exigem-se boas referencias. Carta á redacção d'«A Restauração», onde se dão esclarecimentos.

## Em legitima defeza

A nossa attitude perante a campanha d'«A Restauração» tem sido apenas a da legitima defeza.

Devemos accentuar bem este facto, para que as responsabilidades vão a quem justamente tocam.

Concordamos em que tudo isto, longe de surtir o effeito que desejavam e pr-viam, só serviu para desgostar pessoas, por muitas das quaes temos verdadeira estima.

Mas de quem a culpa? Certamente não foi nossa mas de quem nos veio tam insolitamente aggre-dir.

Não podiamos deixar de responder á provocação, reagindo em termos correspondentes á violencia da aggressão.

Que o exemplo lhes sirva para futuro.

Não fica mal a ninguem ser sincero, prudente, bem educado e grato.

Estas qualidades não são virtudes só para liberaes, para aquelles que são peiores que blasphemos, adulteros, ladrões e assassinos. São tambem virtudes que não ficam mal ao melhor dos nacionalistas.

## Para os devidos effeitos

Como já succedera ao n.<sup>o</sup> passado, A *Restauração* chegou nos ainda d'esta vez com grande tardança.

Registramos o facto para os devidos effeitos.

## ECHOS DE UMA CONFERENCIA

Da creada Mariquinhas,  
Do padre João Civil  
E frei José de Peninhas.

Pen.—São-nos precisos mais versos, Amigo padre João.

João—Isso agora é que está mau. Que me falta a inspiração.

Pen.—Mas faça um pequeno esforço, Compel os-lh' a preceito.

João—Por mais esforço que faça Não me sabe nada de geito.

Pen.—Amigo tenha paciencia, Não nos deixe ficar mal.

João—Paciencia tenho de sobra Mas falta-me o essencial.

Pen.—Diga-me então o que falta Para lh'o ir procurar.

João—O que me falta, Peninhas, Só Deus m'o podia dar.

Pen.—Aqui tem papel e penna E inteiro... mãos á obra.

João—Dê-me ideias que me faltam, O resto tenho de sobra

Pen.—Ideias tambem não tenho, Verei se algum m'as fornece.

João—E se chummasse a crenda? Talvez que ella nol-as desse.

Pen. (chamando) Maria venha cá dentro, Deixe agora o refugado.

Maria (entra) Se me demoram de mais Vou achar tudo estarrado.

Pen.—Maria, um caso biendo Tem-nos em grande afflicção.

Maria—Quer passag-ns na batina? Quer que lhe pregue um botão?

Pen.—Não se trata de botões Tire d'ahí o sentido.

Maria—Deixe-me chegar lá dentro, 'Sta-se a queimar o 'strugido!

Pen.—Pois deixe-o ir co'os diabos! (Deus me perdoe o desmando)

Maria—Pois então diga o que quer. Que já o estou escutando.

Pen.—Botou uns versos á folha Aqui o padre João.

Maria—Ai botou? Eu não sabia. Fez muito bem. Pois então!

João—Botei, mas foi o demónio. Que m'os troçaram, Maria.

Maria—Oh que grande maroteira! Que grande patifaria!

Pen.—Padre João quer agora Esse mal remediar...

João—Publicando uma resposta De fazer embatucar.

Pen.—Mas falta-lhe inspiração. Tem-na, você por acaso?

Maria—Tenho sempre. Fuço versos De deixarem tudo razo.

Pen.—Você é um genio Maria, E' um astro, é um luzeiro!

Maria—Mas venha a coisa do outro. Que lh'a quero ver primeiro.

Pen.—Ouça lá que principio (lendo) «Coisas do padre João».

João—Ouvin bem toda a leitura? Não lhe causa indignação?

Continua.

## AGRADECIMENTO

Antonio Pereira de Souza vem por este meio, visto o seu estado de saude não lhe permitir fazel-o pessoalmente, como era seu intimo desejo, agradecer muitissimo penhorado a todas as pessoas da sua amizade e relações, que se dignaram interessar-se pela sua saude durante a enfermidade, que recentemente o accommetteu, protestando a todas o seu maior reconhecimento.

## EDITAL

O Bacharel Antonio Coelho da Motta Prego, administrador do concelho de Guimarães, etc.

Faz saber para cumprimento do art.<sup>o</sup> 278.<sup>o</sup> do cod. adm., que são suscitadas as providencias adoptadas nos annos anteriores relativas ás Via-Sacras, que costumam ter logar na presente quadra da quaresma, sendo sómente permittidos aquelles actos religiosos durante as horas do dia e quando presididas por ecclesiasticos d'ordens sacras. Ficam prohibidos os toques de campainhas e os pregões que abusivamente se praticam para chamamento do publico aos referidos actos. Igualmente, e para evitar incommodo aos transeuntes, são completamente prohibidos os pedidos junto de qualquer Passo ou Oratorio.

Os individuos que infringirem as disposições do presente edital incorrerão no crime de desobediencia conforme o disposto no § 1.<sup>o</sup> do art.<sup>o</sup> 188.<sup>o</sup> do Codigo penal, e, sendo encontrados em flagrante delicto, serão presos e entregues ao poder judicial.

Guimarães e administração do concelho 22 de fevereiro de 1904. E eu Manoel de Freitas Aguiar, secretario da Administração, o subscrevi.

A. Motta Prego

## COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE GUIMARÃES SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

São convidados os snrs, accionistas d'esta Companhia a reunirem-se em assembléa geral extraordinaria no dia 19 do mez proximo, pelas 12 horas da manhã no escriptorio da rua de Santo Antonio, d'esta cidade, afim de discutir e votar o novo projecto d'estatutos; e bem assim em sessão ordinaria para apreciar, discutir e votar o relatorio da direcção e parecer do Conselho Fiscal relativos ao anno findo.

Guimarães 25 de Fevereiro de 1904.

O 1.<sup>o</sup> secretario:

Antonio José de Faria.

## ENSINO DE FRANCFZ PELO METHODO DIRECTO

Marcel Meunier, parisiense, Bacharel do Ensino Moderno pela Universidade de Pariz, encarrega-se de dar lições de francez particulares e em classe, a preços moderados

Para informações e referencias dirigir-se ao snr. Simão da Costa Guimarães, rua Nova Santo Antonio, n'esta cidade.

## Companhia de Luz Electrica de Guimarães

Esta Companhia concessionaria da illuminação publica d'esta cidade, no intuito de esclarecer o publico vimaranense sobre as installações particulares e afim de facilitar essas installações, conciliando, na medida possivel, os seus direitos incontravos exclusivos de installações particulares, que lhe foram assignados no contracto com a Ex.<sup>ma</sup> Camara, e as condições de segurança que lhe foram impostas pela Dig.<sup>ma</sup> Inspeção Geral dos Telegraphos e Industrias Electricas, com os interesses e sympathias particulares sobre a escolha do material de installação e pessoal de montagem, vem tornar do conhecimento publico que as installações interiores são pela Companhia autorizadas a ser feitas pelos seguintes snrs:

Thomaz Joaquim Dias, engenheiro, representante da «Allgemeine Elektricitats. de Berlin» Porto.

João Carlos de Carvalho, gerente tecnico da «Empresa Industrial de Electricidade de Lisboa»

As installações deverão ser reguladas pelas seguintes bases:

1.<sup>o</sup> Todas as installações tem de ser precedidas de uma requisição de numero de lampadas feita á Companhia pelo pretendente segundo os impressos regulamentares.

2.<sup>o</sup> Feita a requisição e respectivo contracto o installador deverá apresentar previamente ao seu cliente um orçamento detachado do custo da installação.

3.<sup>o</sup> Feita a installação a Companhia deverá ser avisada para proceder a exame e constatar que pode fornecer a corrente electrica.

4.<sup>o</sup> O pagamento do custo da installação deverá ser effectuado directamente ao installador após a inspeção e fornecimento da corrente pela Companhia.

5.<sup>o</sup> O installador fica obrigado a proceder ás alterações necessarias que forem observadas e indicadas pela inspeção.

6.<sup>o</sup> A montagem e conservação das lampadas fica exclusiva da Companhia.

Para cabal conhecimento publico vão a seguir transcriptas as clausulas da concessão Camararia e, da Inspeção dos Industrias Electricos.

### CONDIÇÕES CAMARARIAS

As installações interiores, montagem e conservação das lampadas ou outras despesas accessorias nos edificios particulares, serão feitas pelo concessionario, mas á custa dos donos ou inquilinos dos predios respectivos.

### CLAUSULAS ESPECIAES INSPECÇÃO

1.<sup>a</sup> Em todas as installações vedem ser observadas as regras de segurança do Instituto dos Enge-

nhieros Electricistas de Londres do «Board of Trade».

2.<sup>a</sup> A empresa fica obrigada, tanto durante a installação como em qualquer epoca posterior, a fazer as alterações e modificações que lhe forem prescriptas por esta Inspeção Geral.

Guimarães 7 de Novembro de 1903.

O DIRECTOR,  
Wright Taylor

## Caminho de Ferro de Guimarães

### HORARIO DOS COMBOYS

DESDE 1 DE NOVEMBRO DE  
1903

#### COMBOIOS DESCENDENTES

N.<sup>o</sup> 2—Diario—Mixto—Parte de Guimarães ás 5 da manhã e chega á Trofa ás 6,33.

Corresponde com o comboio n.<sup>o</sup> 7 da linha do Minho, para a Povoia, Braga e Vianna e com o comboio n.<sup>o</sup> 2 para o Porto e Douro.

N.<sup>o</sup> 10—Mixto—Dias uteis—Parte de Guimarães ás 7 da manhã e chega á Trofa ás 8,40.

Corresponde ao comboio n.<sup>o</sup> 10 do Minho, que chega ao Porto ás 9,43 da manhã e ao comboio n.<sup>o</sup> 1 para Braga e Valença.

N.<sup>o</sup> 4—Mixto—Diario—Parte de Guimarães ás 10,15 da manhã, chegando á Trofa ás 11,49.

Corresponde directamente para o Porto, pelo comboio tramway do Minho n.<sup>o</sup> 94 e para Valença, Braga e Povoia, pelo comboio n.<sup>o</sup> 3, do Minho.

N.<sup>o</sup> 6—Diario—Correio—Parte de Guimarães ás 4 da tarde e chega á Trofa ás 5,35.

Corresponde na Trofa com o comboio n.<sup>o</sup> 6 do Minho, para o Porto, linha do Douro, até á Regua, e Companhia Real, e com o comboio n.<sup>o</sup> 5, para Valença e ramal de Braga.

N.<sup>o</sup> 8—Mixto—Mercadorias—Domingos e dias sanctificados—Parte de Guimarães ás 7,15 da noite e chega á Trofa ás 8,53.

Corresponde ao comboio n.<sup>o</sup> 8 do Minho, que chega ao Porto, ás 10,44 da noite.

#### COMBOIOS ASCENDENTES

N.<sup>o</sup> 7—Mixto—Mercadorias—Dias uteis—Parte da Trofa ás 7,15 da manhã e chega a Guimarães ás 9.

Corresponde na Trofa com o comboio n.<sup>o</sup> 7 da linha do Minho, que sahe do Porto ás 4,54 da manhã, e com o comboio n.<sup>o</sup> 2, procedente de Valença, Braga e Povoia.

N.<sup>o</sup> 1—Correio—Diario—Parte da Trofa ás 9,25 da manhã e chega a Guimarães ás 11,3.

Corresponde ao comboio n.<sup>o</sup> 1 do Minho, que parte do Porto ás 7,50 da manhã.

N.<sup>o</sup> 3—Mixto—Domingos e dias sanctificados—Parte da Trofa ás 12,17 da tarde e chega a Guimarães á 1, 58.

Corresponde na Trofa directamente com o comboio n.<sup>o</sup> 3 do Minho que parte do Porto ás 11,16 da manhã.

N.<sup>o</sup> 9—Mixto—Dias uteis—Parte da Trofa ás 5, 25 da tarde e chega a Guimarães ás 6, 50.

Corresponde com o comboio n.<sup>o</sup> 9 do Minho, que parte do Porto ás 4,23 da tarde.

N.<sup>o</sup> 5—Mixto—Diario—Parte da Trofa á 7,22 da noite, e chega a Guimarães ás 8,58.

Corresponde ao comboio que parte do Porto ás 5,45 da tarde, e ao comboio n.<sup>o</sup> 6, para procedencias de Valença e Braga.

Os comboios n.<sup>os</sup> 1, 6, 9, e 10, tem paragem de 1 minuto em Covas, Magdalena e Espinho, para serviço de passageiros.

## CASA

VENDE-SE uma morada de casas, sita na rua de S. Paio, d'esta cidade, com os n.<sup>os</sup> de policia 57 e 59, construida de pedra e com tres andares, rocio, poço e uma outra pequena morada de casas nas trazeiras. Tem sahida para a rua de S. Chrispim.

Tracta-se com Silvestre Gomes Teixeira-Campo do Tournal.

## PÃO DE LÓ DE MARGARIDE

Fabricado por—*Leonor Rosa da Silva*—de Felgueiras  
Recebe encomendas

## Francisco José de Freitas

Aonde se encontra azeite fino de Moncorvo e Mirandella.  
Queijo da Serra e Flamengo etc,

Deposito da Companhia Vinicla

Rua da Rainha, 28—GUIMARÃES (Porta da Villa)

## TYPOGRAPHIA

in DE m

## ALBANO PIRES DE SOUSA

(Antiga Silva Caldas)

Rua da Rainha, 120 e 122

GUIMARÃES

Esta typographia, a primeira d'esta cidade e que possui, aproximadamente duzentas colleções de diferentes typos encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á arte typographica, a preços baratissimos.

## AGUAS DE VIDAGO

in FONTE CAMPILLO in

Garrafas de 1/4 de litro, incluindo a garrafa . . . 100 réis

Recebe-se a garrafa vazia por . . . 30 réis

VENDEM-SE EM TODAS AS PHARMACIAS E NO DEPOSITO  
DROGARIA CUNHA MENDES, RUA DA RAINHA, 33-GUIMARÃES



## BURYS & Co., LIMITED

SHEFFIELD—INGLATERRA

RECOMMENDAM ao publico limas e ferramentas das suas marcas, fabrica da de aço fino superior cuja fama levou a sua fabrica a ser, sem contestação, a principal exportadora de Shfield, n'este ramo de industria. Cuidado com as imitações!

### ESTABELECIMENTO DE VIVERES

DE  
JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

17—Rua de S. Damaso—19

(ANTIGA CASA SEQUEIRA)

GUIMARÃES

Agente da companhia de seguros contra fogo a PORTUENSE  
Carvão de S. Pedro da Cova, Carne secca, Raphia para atar vides.

N'ESTE bem conhecido estabelecimento vende-se baga de sabugneiro de primeira qualidade, para por côr ao vinho. Enxofre e sal. Sementes de hortaliças de todas as qualidades. Tambem alli encontrarão os seus numerosos freguezes um bom e variado sortimento dos seguintes generos que vende por preços excessivamente baratos: arroz, bacalhau, assucar, sabão (das fabricas do Porto), azeite de Tras-os-Montes, stearina, chá, caffè, e tudo mais que diz respeito a este ramo de negocio.

### DEPOSITO



DE

POLVORA DO ESTADO